



DOSSIÊ  
**BIOÉTICAS LATINO-AMERICANAS:**

# **RAÇA, GÊNERO E DECOLONIALIDADE**

**REVISTA NÓS**  
CULTURA, ESTÉTICA E LINGUAGENS

VOL. 09, Nº 1, 1º SEMESTRE DE 2024

ISSN 2448-1793

Achei o dia bonito e alegre. Fui catando papel.

...ais bolacha. Voltei catando tudo  
eu não quiz catar papel. Quando  
u-me que a baiana havia lhe chin  
gar com uma criança de 5 anos!  
ngando a Vera confirmou. Assim  
a insultar-me. Mostrou uma peixeira  
e pretende lhe picar.

Fui no senhor Manoel vender uns ferros  
veí pouco material e achei que era muito  
hor Manoel se não errou no troco.

... Fui na feira, comprei 1 quilo de feijão e 1  
ando um português jogou uns pés de alface no chão  
ei, o português gritou:

— Chegou a freguesia do Bastião!  
... Hoje eu não lavo as roupas porque o senhor

comprar sabão. Vou ler o mundo d

A Leila pegou machado e cortou as roupas  
vone Horacio, que deu-me a

O processo foi cancelado p  
lvone pediu a bacia, a Leila n  
iquei horrorizada e com dó.

... Dois nortistas brigaram. So  
nuistém, o valentão, apanhou o campo

... eu estava to... fome devido ter levanta-  
... café... Fui lavar as roupas na la-  
... anual de Saude que publicou  
... há 160 casos positivos de  
... remédio para os favelados. A mu-  
... me com as demonstrações da doença caramu-  
... é muito difícil de curar-se. Eu não fiz o  
... comprar os remédios.  
... Manoel vender os ferros. E eu fui

... ar. Peguei a... saí. Levei os meninos. Fui  
... na Rua Carlos de Campos. E pedi para ela  
... deu-me arroz e macarrão. E eu fiquei con-  
... Ele deu-me umas garrafas para eu ven-

... umas coisas para os meninos comer.  
... Fui no senhor Manoel vender as  
... 10 de pão e um cafezinho.  
... lavar roupas. 3 semanas  
... visinhas ficaram horri-  
... lavei. A Dona Geralda  
... procurar a Fernanda di-  
... roupas. E foi vasculhar a  
... acompanhou até a sua  
... pediu desculpas a Fer-  
... Quando recebeu a garra-  
... contemplan-  
... a Dona Geralda.

— Que mulher boa!  
O rancor da Fernanda desanarcou por...

## ENTRE ARMADILHAS CATEDRÁTICAS E A GOVERNABILIDADE DAS EMOÇÕES: HORIZONTES POSSÍVEIS DESDE UMA BIOÉTICA PLURAL

BETWEEN CATHEDRAL TRAPS AND THE GOVERNABILITY OF EMOTIONS: POSSIBLE HORIZONS  
FROM A PLURAL BIOETHICS

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14173649>

Envio: 30/10/2023 - Aceite: 25/11/2023

Entre armadilhas ....

### Izabela Amaral Caixeta



Doutoranda no PPG Bioética/Cátedra Unesco- UNB, Professora de Sociologia SEDF, Mestre em Políticas Públicas em Saúde pela Fiocruz, especialista em estudos afro-latinoamericanos e caribenhos pela CLACSO.

**RESUMO**

O presente ensaio tem por intuito tecer reflexões a respeito do papel de captura das instituições, em particular da educação, sobre a governabilidade das emoções e no fomento ou não à capacidade de sonhar com futuros plurais, desde uma perspectiva bioética. Considerando a Bioética um campo interdisciplinar, a proposta é refletir em que medida a produção de sentidos, sonhos e projetos de futuro em contexto moderno/ocidental têm moldado/mantido esse mundo galvanizado a partir de ideologias hegemônicas “positivas” e colonizadoras. A aposta aqui é na Bioética como potente espaço de contribuição dialógica e não-fragmentária para se pensar- ser no mundo, produzindo resistências às ficções coloniais. Busca-se assim, através de horizontes contra coloniais e pluriversais, desvelar os mecanismos de controle e apagamento dos corpos-saberes-territórios através do aparato (de)formador que é a educação colonial, tornando-se dilemático para uma ética da vida. E quem sabe, propor deslocamentos a primazia da razão colonizada sobre a emoção e outras formas de lapidação/polimento das agências como possíveis caminhos para um bem viver.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Governabilidade das Emoções; Bioética; Contracolonialidade.

**ABSTRACT**

The aim of this essay is to reflect on the role of institutions, particularly education, in capturing the governability of emotions and fostering or not the ability to dream of plural futures, from a bioethical perspective. Considering Bioethics to be an interdisciplinary field, despite health in its expanded concept, the proposal is to reflect on the extent to which the production of meanings, dreams and projects for the future in a modern/Western context have shaped/maintained this world galvanized by "positive" and colonizing hegemonic ideologies. The bet here is on Bioethics as a powerful space for a dialogical and non-fragmentary contribution to thinking-being in the world, producing resistance to colonial fictions. In this way, through counter-colonial and pluriversal horizons, we seek to unveil the mechanisms of control and erasure of bodies-knowledge-territories through the (de)formative apparatus that is colonial education, making it dilemmatic for an ethics of life. And perhaps propose shifts in the primacy of colonized reason over emotion and other forms of polishing of agencies as possible paths to a good life.

**KEYWORDS:** Education; Governability of Emotions; Bioethics; Countercoloniality.

## INTRODUÇÃO

Muito se é debatido como a escola, enquanto instituição de controle, regulação, normatização de corpos/mentes/emoções é responsável por desempenhar um papel de adestramento e branqueamento das consciências, em especial aqui no Sul global. A violenta escolarização moderna ocidental que, sob o intuito de ‘alfabetizar’ e evangelizar povos considerados hierarquicamente inferiores aos padrões branco-europeu, cumpriu e ainda cumpre função de colonizar corpos-territórios junto de suas grades curriculares, sob a tutela de nomeação do sentir, junto da fragmentação de saberes, do epistemicídio sistemático.

A própria função histórica destinada a escola foi operada num regime positivista ocidental, em meio ao período industrial europeu onde a educação *“era a resposta ideal a necessidade de trabalhadores e os mesmos empresários industriais do século XIX foram os que financiaram a escolarização obrigatória através de suas fundações”* (Trecho do documentário “La educacion Prohibida”, de Gérman Doin, Argentina 2012). Essa, enquanto importante cátedra ou lugar que se recapitula a vida (PESSINI, 2002), a escola enquanto instituição tem papel basilar dentro da coletividade, das éticas, na modulação de manejos políticos das emoções, da racionalidade e outras expressões do sermos.

Quando confrontamos processos históricos com as experiências atuais de vigilância à docência, militarização nas escolas, privatização e precarização da educação, da saúde, é possível ver que por trás dessa reducionista e violenta agenda neoliberal figuram sujeitos e classes político-empresariais que historicamente controlam os caixas públicos sob a égide partidária da democracia burguesa junto a um punhado de acionistas mundo afora. A escolarização, enquanto agenda histórica de institucionalização colonial, cumpre sua função de controle e conformação de intersubjetividades.

Destacar esse passado tão presente tem por intenção expor como a manutenção desse sistema colonial engessa, esvazia e enclausura novos possíveis

futuros pois torna-se “perigoso” a liberdade do pensamento, das emoções, quando o que se deseja “*é um conjunto de trabalhadores obedientes tecnicamente treinados para executar os projetos de elites que visam investimento externo e o desenvolvimento tecnológico*” (NUSSBAUM, 2015, p.21).

Dando continuidade de forma comprometida com esse projeto de mundo hierarquizado, o grande fardo *do homem branco*<sup>6</sup> se reatualiza, como é possível perceber através dos mecanismos do racismo cotidiano e o retorno à cena do passado colonial nas relações diárias (KILOMBA, 2019). O capitalismo, em sua expressão brutal que é a realidade colonial (MANOEL, 2019, p.31), leva em seu bojo as missões civilizatórias modernas que foram escritas com a ‘caligrafia da morte’ (IBERÊ, 2015, p.84) e impressas nos livros pedagógicos usados copiosamente nas escolas e universidade, com suas narrativas de uma história única, branca, norteglobal.

Considerando a escola uma espécie de cátedra de sofrimento humano (PESSINI, 2002), ressalta-se que dentre os efeitos das reformas educacionais neoliberais na América Latina em prol do ‘desenvolvimento da educação’, também estão o aumento de casos de saúde mental no ambiente escolar, aumento nas taxas de evasão, fragilização das categorias profissionais da educação. O Brasil é um dos países com os maiores índices de ansiedade, depressão e medicalização de sua população no mundo (WHO, 2022).

Em meio a uma sociedade do desempenho e da positividade (HAN, 2015), um enorme fluxo de informações acerca de auto-organização, autogerenciamento, autoconhecimento, desenvolvimento de habilidades, socio-emoções, entre outros temas correlatos, têm circulado em diferentes espaços hodiernos. Através de redes

---

<sup>6</sup> A referência “fardo do homem branco” tem origem nas charges e poemas do britânico Rudyard Kipling que, no século XIX, escrevia sobre a difícil missão do homem branco europeu de trazer luz, moral e ética aos povos selvagens, pouco humanos ou quase nada. A expressão é aqui utilizada para demonstrar a prática colonial de missão civilizatória, como a escolarização universal, é produzida pelo nêmesis do imperialismo do norte.

sociais, palestras de trabalho, vídeos/textos motivacionais, cada vez mais é possível ouvir a retórica da produtividade, “corra atrás do seu futuro”, “planeje, alcance, realize”, “trabalhe enquanto eles dormem”<sup>7</sup>.

A ‘ditadura’ da felicidade, fenômeno nomeado por Edgar Cabanas e Eva Illouz (2022) como Happycracia, foi um termo cunhado justamente para enfatizar o interesse dos autores em destacar as *“novas estratégias coercitivas, decisões políticas, estilos de gestão, padrões de consumo, obsessões individuais e hierarquias sociais que, em conjunto com uma nova noção de cidadania, surgiram na era da felicidade”* (CABANAS; ILLOUZ, 2022, p.26). Esse novo imperativo moral, a felicidade e os legados de uma psicologia positiva, muito presente nos discursos institucionais, versam sobre os necessários aprimoramentos individuais e as transformações emocionais que uma nova era exige. Somaria aqui também as capturas em curso da capacidade imaginativa de projetar cenários futuros, os sonhos e economias outras do afeto.

É importante salientar que a influência de uma simbólica social racializada e baseada na inimizade (MBEMBE, 2017) afeta integralmente a composição das emoções e sentimentos, em diferentes níveis. Considerando que as *“emoções tem origem em normas coletivas implícitas, orientações de comportamento, de acordo com a apropriação individual da cultura e valores”* (BRETON, 2019, p.145), torna-se pertinente desvelar aquilo que não se pretende revelar (KILOMBA, 2019). Ou ainda, enfrentar certas *“convicções culturais”* interiorizadas que podem adoecer e matar (BRETON, 2019, p.156) e que são cotidianamente mobilizadas em espaços educacionais e formadores, como o racismo, o sexismo, a colonialidade da vida em múltiplos cruzos.

---

<sup>7</sup> A literatura nomeada como “autoajuda” teve em seu mercado um crescimento assombroso nos últimos anos, principalmente após a pandemia da COVID 19. Augusto Cury, autor do livro “Gestão das Emoções: Técnicas de coaching emocional para gerenciar a ansiedade” (2015) é um dos nomes que reivindicam pioneirismo nessa ceara de debates sobre autoconhecimento, gestão emocional e fenômeno coaching no Brasil.

Destacam-se as palavras do sociólogo francês Le Breton quando ele diz que o *“registro afetivo de uma sociedade deve ser compreendido no contexto de suas condições reais de expressão”* (BRETON, 2019, p.10). A Bioética, enquanto campo interessado em assuntos gerais da saúde em seu conceito ampliado, *“trabalha com o cotidiano e as perspectivas de futuro”* (OLIVEIRA,1994) e também aspira ser

uma reflexão e uma proposta capaz de abarcar todas as vivências e abordar todas os problemas das relações sociais do ponto de vista das especulações filosóficas e procura despertar consciências para que as pessoas reflitam e estabeleçam caminhos que nos conduzam aos comportamentos considerados os "mais éticos" (OLIVEIRA, 1995, p.90)

Considerando que a Bioética emergiu *“como campo teórico e movimento social durante uma época de “crise de consciência” na comunidade científica e em outros setores sociais, propondo-se como questionadora e intermediadora dos conflitos entre ciência, sociedade e governos”* (OLIVEIRA, 1995, p.84), enfatiza-se aqui a crítica acerca de como as moralidades hegemônicas agenciam as emoções, os sonhos, os projetos de vida e morte presentes nas instituições. Em particular, através da educação e sua ampla teia de abrangência para dentro e fora de seus muros catedráticos.

Tendo como horizonte político o coletivo e o bem-viver, com a busca pela garantia de futuros plurais, uma maneira de mobilizar o processo crítico ao projeto moderno neoliberal é propor uma definição de utopia como *“crença na história enquanto programa aberto, horizonte que não fecha, campo de incerteza e indeterminação. O caráter histórico – isto é, aberto – do destino humano é a grande utopia contemporânea”* (SEGATO, 2005, p.13). O horizonte utópico aqui é a contra colonialidade das vidas.

A noção trazida aqui de utopia contra colonial busca confluir junto ao que o grande mestre quilombola Nêgo Bispo nos ensina sobre a importância da luta pela valorização da biointeração. Estamos/somos o meio ambiente. Como podemos nos pensar e ver o mundo somente por uma única perspectiva de consumo, exploração e

individualidade? Deslocar esse olhar fragmentado e distante produzido pelo binômio racializado natureza x homem é, talvez, considerar de fato que, como nos ensina a sabedoria ancestral, o melhor jeito de guardar o peixe é dentro da própria água (SANTOS, 2015).

O paradigma da pluriversalidade, trazido pelo filósofo sul-africano Mogobe Ramose nos impulsiona a entender o ‘ser’ ontologicamente como manifestação da multiplicidade e diversidade dos seres. De acordo com o professor Renato Noguera (2012), entende-se pluriversalidade como a *“assunção da primazia das particularidades específicas na configuração dos saberes. A pluriversalidade é o reconhecimento de que todas as perspectivas devem ser válidas; apontando como equívoco o privilégio de um ponto de vista”* (NOGUERA, 2012, p.64). Categoria basilar para uma bioética plural.

Nesse sentido, as elaborações aqui buscam encontro junto as chamadas enunciações a partir do comunitário (HOLANDA, 2023), também importante paradigma para o campo bioético, uma vez que *“enunciar vivências desde outros mundos faz-se uma ofensiva ao que denomino captura colonial do Bem Viver: uma rapina e um silenciamento do mundo comunitário, dos pluralismos históricos, jurídicos e bioéticos”* (HOLANDA, 2023, p.43). Essa rapina parece ser baseada na escassez da monocultura ocidental, escultora de uma ética de morte sistemática que avança como praga.

De que forma uma Bioética *suleada*, orientada para uma produção e práxis desde Sul global, *produz* reflexões- caminhos que auxiliem na construção de novas éticas libertárias? Como exercitar o sonhar, democraticamente, de modo a assegurar a pluralidade de projetos? E ainda, qual o papel das cátedras contemporâneas nesse enredo?

#### **GOVERNABILIDADE DAS EMOÇÕES: TERRITÓRIOS EXISTÊNCIAS EM DISPUTA**

*“Os discursos sobre a emoção podem ser um dos mais prováveis e poderosos instrumentos por meio dos quais se exerce a dominação”*  
(LUTZ, 2012, p.214)

Para compreendermos o impacto em diferentes sentidos que as cátedras escolares possuem nas sociedades é interessante considerar também seu entendimento enquanto territórios existenciais, que acomodam muitos outros corpos-saberes-territórios. Já aprendemos com Milton Santos, baluarte da geografia brasileira, que território é movido por fluxos, trocas, que comporta vida, emoção (SANTOS, 2000, p.115). Quando correlaciono escola a território existencial, tenho em mente não a restrita noção de território cartesiano e fixo, mas na inspiração junto ao filósofo Guatarri ao vermos que

um território existencial não se refere a um território como um ponto em um mapa, estático e já delimitado em si. Mais que uma delimitação espacial, um território existencial é uma localização espaço-temporal. Ele se define a partir de uma localização espacial que é configurada no tempo, ou seja, ele é um território em processo, em constante processo de feitura (MACERATA, 2014, p.922)

Assim, a escola como espaço de múltiplos atravessamentos é também lócus de sentimentos e emoções, estes nomeados por Nussbaum como *“levantamentos geológicos do pensamento”* (2008, p.21). As emoções circulam, articulam agências, conformam interações. Elas agenciam juízos e avaliações, como parte ativa do sistema moral das ações. As emoções e os sentimentos *sinergem* com o corpo, em seu sentido mais expandido possível. Apesar de o corpo ser transformado em categoria de coisa mercantilizável, monolítico, *“é a partir da corporalidade que se vislumbram estratégias e abordagens no controle, tratamento e restabelecimento da saúde humana.”* (BELLAGUARDIA, 2011, p.1119).

É no corpo que se mensura a saúde, as emoções, as racionalidades, bem como é dessa unidade de medida que se encampa a ideia de governar o que se sente enquanto um aprimoramento, uma melhoria da nossa humanidade. E é também nessa relação com o corpo que as múltiplas opressões se expressam, na medida em que é junto da hierarquização de existências que se produzem fronteiras ontológicas, que distinguem razão da emoção, humano de natureza, corpo de seu território.

Na história da modernidade ocidental e sua colonialidade, a estratégia de apagamento e invisibilidade daqueles que, não dotados de razão-civilidade, que não *evoluem* com a história, mantem-se enquanto mecanismo instalado das instituições. Como traz o professor Deivison Faustino, a respeito desses mecanismos coloniais de hierarquização de existências, questionando a razão como valor branco e a emoção como negra, diz que

“É o Branco que cria o Negro” (FANON, 1968) na medida em que desconsidera sua humanidade, tornando-o “objeto em meio a outros objetos”, aprisionando-o naqueles referenciais fetichizados que o Branco - ou a civilização ocidental - deixou de reconhecer em si. Espera-se assim que o Negro (o Outro) seja sempre emotivo, sensual, viril, lúdico, colorido, infantil, banal; o mais próximo possível da natureza (animal) e distante da civilização (FAUSTINO, 2013, p.5)

O outro, o ‘diferente’, mesmo nesse apequenamento do mundo moderno (MBEMBE, 2017), acaba por assumir diferentes facetas. Em termos de ‘figuras de alteridade’, vem se modificando, segundo Mbembe, desde a ideia de diferença a uma chamada ‘inimizade’. Este outro agora deve então ser exterminado, pois a ‘imprevisibilidade’ do perigo de ‘certas’ raças ameaça não só o direito de viver de um grupo, mas seu poder de matar, a sua soberania. Negar a existência do outro funciona como uma estratégia de não deixar viver. Assim, historicamente o papel de *irracional/emocionado/desgovernado* recai sobre corpos-saberes-territórios racializados como *outro* em que para o branco cabe o polo do binômio razão/mente/civilidade, para a população negra o da emoção/corpo/natureza.

Vemos essa tática de oposição, negação, falseamento em diferentes espaços e narrativas, como o próprio mito do descobrimento do Brasil e a história dos vencedores/conquistadores sobre os vencidos. A quem interessa essa diferenciação hierárquica? Porque a emoção, muitas vezes descrita como algo que emerge sem controle é algo tão *perigoso*? Apesar de as emoções serem consideradas secundárias “*para a educação humana, para ética e a política*” (NEITZEL, 2015, p.33), dificilmente

encontramos uma explicitação mais articulada de como as emoções e sentimentos permitem desenvolver a cognição, o afeto, as relações éticas e políticas, a manutenção da vida social, ou ainda, de como esta compõem a capacidade de estabelecer razões ou raciocinar (NEITZEL, 2015, p.31).

Isto, é mesmo as mais racionais das decisões tidas como frias ou racionais envolvem afetividade (BRETON, 2019). Os corpos-territórios passam a ser fixados nessa guerra racial que ordena *racionalmente* mundo, onde *“as fronteiras deixam de ser lugares que ultrapassamos, para serem linhas que separam. Nesses espaços mais ou menos miniaturizados e militarizados, tudo se deve imobilizar”* (MBEMBE, 2017, p.10). Essa necessidade de autocontrole exigida pela modernidade torna-se necessária, onde

reações tidas como impulsivas e de fundo emocional passaram a ser socialmente desvalorizadas, devendo progressivamente ser excluídas da vida pública. Reações instintivas e afetivas passam, então, a ser reguladas por um autocontrole, cada vez mais estável, uniforme e generalizado (BISPO, 2021, p.106).

Na esteira do questionamento de Catherine Lutz a respeito das disputas sobre as emoções, a autora indaga sobre *“o que as pessoas estão tentando fazer ao identificarem algo como emocional em oposição a racional ou cognitivo? Quais são as ambições ou os conflitos políticos gerados por isto e qual o seu propósito?”* (LUTZ, 2012, p.219). Desconfio que o propósito se liga justamente aos históricos interesses coloniais de uma economia branca capitalista alicerçada no descarte de tudo aquilo que considera excedente, não produtivo ou explorável.

Sendo a emoção *“a definição sensível do acontecimento tal como o vive o indivíduo, a tradução existencial imediata e íntima de um valor confrontado com o mundo”* (BRETON, 2019, p.146), a emoção se torna valorosa categoria em disputa, pois nomear é um ato poderoso. O interesse do Estado em debates sobre controle e gestão de emoções, seus impactos na educação não são despropositados. Ou, como afirma Lutz

interessada na política das emoções, definitivamente a noção de que há uma disputa em torno de quem detém o direito de nomear estas emoções, o que se quer dizer quando se tem uma reação emocional à guerra. E existe algum lugar mais importante para o Estado estar envolvido? (LUTZ, 2012, p.221)

Recorrentemente as emoções também são associadas a ideia de felicidade, bem-estar, saúde mental. No entanto, as orientações sobre como lidar com elas geralmente

são dadas por uma cultura de entretenimento e mercadológica, o que significa que as emoções e sentimentos que ela promove e os mecanismos ofertados para que as pessoas possam de algum modo governar suas emoções, geralmente são mecanismos fabricados por um mercado com interesses estratégicos para o consumo dos produtos da indústria cultural. (NEITZEL, 2015, p.33)

Considerando que as emoções se alicerçam “nas *relações sociais, no desenvolvimento do pensamento humano, da ética e da política*” (NEITZEL, 2015, p.33), reflete-se aqui a importância do debate sobre educabilidade e governabilidade das emoções como potente estratégia contra colonial, uma vez que as emoções estão “*na base da virtude cívica assim como de outras virtudes, na qual se ancora a ética pública e da qual um Estado democrático não pode prescindir*”. A Declaração Universal de Bioética e Direitos Humanos, promulgada em 2005 após muitos embates, traz consigo o papel crucial que a educação e a formação em bioética têm, entre outros, para “*alcançar uma melhor compreensão das implicações éticas dos avanços científicos e tecnológicos*” (UNESCO, 2005),

Nessa entoada, buscando horizontes utópicos e pluriversais, desvelar os mecanismos de controle e apagamento dos corpos-saberes através do aparato (de)formador que é a escola torna-se dilemático para uma ética da vida. E quem sabe, deslocar a primazia da razão colonizada sobre a emoção e outras formas de lapidação/polimento das decisões e das perspectivas hegemônicas sejam possíveis caminhos para um bem viver.

## SOBRE SONHOS E OUTRAS TECNOLOGIAS ANCESTRAIS

*Somos nós que sonhamos e construímos um mundo onde nossas vidas importam* (Manifesto Cura da Terra, HOLANDA, 2021, p.180)

O que sonhar tem a ver com Bioética? Projetar futuros é uma ficção científica ou realidade em disputa, considerando que nos tempos atuais os solos oníricos plurais têm sofrido estiagem brutal? Como se nutrir junto a banquetes de saberes ancestrais que alimentem as cabeças do futuro, sem dar azo aos *temperos* originários? (HOLANDA, 2021). A capacidade de ficcionar, projetar diferentes cenários de futuro, hoje é considerada uma habilidade central para o novo século segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Esse campo de imaginação e antecipação de cenários futuros vem expandindo para além das suas gênesis economicistas e se infiltrando em diferentes mecanismos societários.

Segundo pesquisador da Copenhagen Institute for Futures Studies, Larsen afirma que:

Para a alfabetização de futuros, o contexto específico é a imaginação humana, pois o futuro só pode ser imaginado. A capacidade a que se refere o termo ‘alfabetização do futuro’ é, portanto, a capacidade de saber imaginar o futuro e porque ele é necessário. A alfabetização do futuro permite tornar-nos cientes das fontes de nossas esperanças e medos, e melhora nossa capacidade de aproveitar o poder das imagens do futuro, para que possamos apreciar mais plenamente a diversidade do mundo ao nosso redor e as escolhas que fazemos (LARSEN, 2020).

Segundo Larsen, através de partilha sobre pesquisas que a UNESCO tem feito desde 2012 ao redor do mundo sobre *“uma série de técnicas experimentadas e testadas para integrar a alfabetização do futuro”*, o pesquisador afirma que essa capacidade imaginativa impactaria na formação superior, na inclusão social, na política, no enfrentamento da homogeneização colonial, entre tantos outros, uma vez que *“é hora de explorar e democratizar a disciplina da antecipação, a fim de conectar horizontes de tempo a curto e longo prazo, em uma trajetória sustentável para nossa espécie”* (LARSEN, 2020).

Na educação como cátedra, o papel da imaginação, da capacidade de ficcionar há muito é expressão em captura, devido ao poder que resiste no ato de criar novos mundos para além dos limites estipulados. Considerando que **não são múltiplos os projetos de futuro num contexto colonial**, uma vez que as vozes hegemônicas são homogêneas, padronizadas, uni-formes, os sonhos se transformam em mercadorias, os futuros quase sempre distópicos. Movendo junto de uma pergunta-agulha desse tecer, qual seja, precisa *falar para poder sonhar?* (HOLANDA, 2023, p.45), indago em que medida a infiltração colonial na vida influi na construção dos sonhos através de capturas de imagens-memórias-criações-afetos.

O professor Faustino, em meio a uma fala proferida em aula intitulada *“Pênis sem fala: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo”* (OPARÁ SABERES, 2022) a respeito da dificuldade atual que muitas pessoas têm de sonhar, imaginar, afirma que *“é mais fácil engajar politicamente pela dor ao invés de engajar pelo sonho. Temos muita pouca habilidade de colocar o sonho na mesa”*, diz o professor. Enquanto isso, a igreja, o crime, a escola, as redes sociais, os políticos, muitos oferecem sonhos, sonhos de consumo, de sucesso individual. A falácia da meritocracia é a nêmesis dos sonhos.

O professor Sidarta Ribeiro, em sua obra *“O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho”* de 2019, traz importantes questões a respeito da função do sonhar e suas cosmopercepções<sup>8</sup> através dos tempos. Segundo o autor, *“os sonhos bem sonhados vislumbram nosso destino através de simulações dos possíveis trajetos e*

---

<sup>8</sup> Cosmopercepção é um termo partilhado pela autora oxumnista Oyewùmí que nos faz refletir sobre como a matriz eurocêntrica colonial e sua *miopia* insensível só percebe o mundo pelo *olhar fragmentado*, captando *“o privilégio ocidental do visual. É eurocêntrico usá-lo para descrever culturas que podem privilegiar outros sentidos. O termo “cosmopercepção” é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais”* (OYĚWÙMÍ, 2002, p.3).

*desfechos. Sonhar é como tatear o quarto escuro com uma nesga de luz, quando as paredes são o próprio futuro” (RIBEIRO, 2019, p. 352).*

Não à toa a imaginação, o poder de criação e nomeação, a sensibilidade são elementos em disputa nessa realidade. Falar de sonhos é girar caleidoscópio, tentar apontar sua importância através dos tempos e espaços é tarefa inesgotável. Os sonhos, entre tantas outras possibilidades,

são reivindicados pelas artes e pela literatura como fonte de inspiração criativa; pelas religiões, como meio de comunicação direta com o divino; pela psicanálise, como a “via real” para o inconsciente; pelas ciências médicas e biológicas, como fenômenos fisiológicos, neurológicos, característicos da fase REM (rapid eye movement) do sono; por diversos povos, que os assumem como um meio de aquisição de conhecimentos sobre si, sobre outrem e sobre o mundo (SHIRATORI et al, 2022, p.1)

Numa sociedade como a nossa, altamente medicalizada, com diferentes *distúrbios* do sono e crise nas perspectivas de futuro (pré-ocupação da mente e ansiedade), como é possível sonhar, desejar, com tanta modelagem colonial de nossas subjetividades? Como pluralizar nosso inventário criativo e criador se nossas múltiplas referências quando presentes, muitas vezes são caricaturizadas ou homogeneizadas via padrão ouro do *norte*? O controle das imagens, do imaginário, embranquecidos e plásticos, moldam visões que, sem outras referências, projetam o amanhã desde um lugar da escassez e do enviesamento, “*como se fosse possível vivermos de soja, nióbio e números*”(HOLANDA, 2021, p.172).

A Bioética, com seu contexto de surgimento no pós-guerra e experimentações científicas em cobaias humanas e práticas eugenistas ainda em expansão, é também conformada por muitos embates desde os movimentos sociais, principalmente em sua experiência latino-americana. Enquanto cenário de um especulativo moral e debate sobre limites éticos (não somente da técnica), a Bioética em sua faceta plural, torna-se potente espaço de nutrição para solos oníricos não colonizados. Se o campo dos sonhos necessita de nutrição para florescer, combater o vírus do *capital*, o

reflorestamento dos corações-cabeças é feitura de saúde, é estímulo para produção de anticorpos ancestrais na busca pela cura da terra (HOLANDA, 2021) e do plantio e semeadura de múltiplos sonhos.

Segundo tradição africana, é impossível saber para onde ir sem saber de onde se vem... como não padecer se nossas memórias foram apagadas, vozes e gritos abafados? Como nos ensina Krenak, *“se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos”* (KRENAK, 2019, p.14). Enlouquecemos? Perdemos a cabeça? Talvez isso seja um dos passos a serem dados no que tange aos necessários deslocamentos. Perder a razão como tutora exclusiva da agência, da ética aplicada. A quem interessa essa deslegitimação constante das políticas do sensível, do sentir, das emoções, daquilo nomeado como des-razão?

É também sobre produção, controle e disputa dessas novas imagens, imagens de futuro ancestralizadas, uma vez que as já postas se estruturam sobre apagamentos de histórias, memórias, existências, genocídios, iniquidades. Nesse caminho, Mombaça (2021), nos desloca para a importância de montarmos barricadas anticoloniais a nível de existência, implodir a norma que enuncia e captura futuros, vozes e sonhos.

Toda essa violência presente no *design global* deve ser redistribuída, por diferentes estratégias, inclusive também a de não oferecer respostas prontas para um sistema que a tudo engole e se apropria. Apontar lugares, redesenhar sentidos, morar na indefinição, como nos ensina Mombaça (2021) - *atravessar*. Fazer alguns desarmes, apostar na criação. Essa pode ser *“potencialmente libertária pois, ao instaurar o que ainda não existe, opera uma ruptura com o estabelecido, o prescrito, o razoável”* (ROCHA ET. ALL, 2019, p.130). Ficcionalizar de maneira plural é um horizonte bioético.

Pensar em uma bioética pluriversal implica em expansão do entendimento partilhado de futuro, de vida, de saúde e deslocar o lugar das relações, do trabalho como punição/sofrimento para um trabalho que *“pode ser visto como uma forma de cuidado mútuo”* (FLOR DO NASCIMENTO, 2016). Compreendendo o cuidado como fio

tecedor de relações, falando desde um lugar de agência no campo bioético, aponta-se para a construção de um novo ethos de trabalho *“caracterizado pela abertura do corpo à experiência sensível, onde o cuidado de si é indissociável do cuidado com o outro”* (ROCHA ET. ALL, 2019, p.135). Assim, podemos falar de uma

promoção de uma economia do cuidado plural que nos ensine a reconstruir laços/ redes de convivência, vínculos e subsistência como ferramentas para promover o bem comum; uma ética capaz de produzir a dignidade humana compartilhada. (HOLANDA, 2020)

Nessas de se afirmar aquilo que é comum, do comunitário, que se compartilha, é interessante pensar a ética enquanto impulso vital (SEGATO, 2006, p.223), uma ação atravessada pela afetação, frente a lei e a moral que são elementos estáveis. Aprender com uma politicidade outra que dialogue com um comunal- pluriversal e não um individual- universal. Uma ética inquieta é também uma ética pluriversal. Em movimento constante de deslocar certezas, tornar-se disponível *“para interpelação pelo outro”* (idem, p.207). Essa postura permite que nos *“conheçamos no olhar do outro”* (idem, p.228) e tenhamos responsabilidade e abertura, nomeados aqui também como *“predicativos para o eu ético”* (idem, p.227).

Essa abertura ao outro, na pedagogia do e isso e aquilo e não ou isso ou aquilo, um entendimento da soma muito mais do que a exclusão e negação, faz parte das diversas heranças de cosmopercepções de mundo que poderíamos centrar como saber movente de filosofias do sul.

As filosofias afroperspectivadas trazidas pelo professor Noguera como *“uma abordagem filosófica que tem como referências a afrocentricidade, o quilombismo e o perspectivismo ameríndio”* (NOGUERA, p.437, 2019) muito nos ensinam a respeito dessa abertura ao outro, da generosidade das partilhas, uma característica xenofílica presente em muitas culturas africanas e originárias uma vez que *“Somos parentes de tudo aquilo que vive e pulsa”* (Iberê, 2019, p.7). Exemplo da Jurema, religião de princípio xenofílico, como nos partilha mestre Jayro Pereira *“Ela, assim, como as religiões de matrizes africanas, tem essa característica de se fortalecer sem excluir o*

*outro, ou julgar o outro*” (DAS NEVES, 2019, p.41). Bem diferente do traço xenofóbico próprio à cultura ocidental e sua outrificação em massa guiados pelas políticas de inimizade. É nesse rumo a importância de pensar uma ética da insatisfação, do pluralismo bioético (HOLANDA, 2023) uma recepção sensível ao estranho que não seja via interdito imediato, mas no acolhimento das pulsões que movem nossas agências.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto teve como objetivo realizar tessituras epistemológicas a respeito das relações entre a educação, enquanto instituição social que atravessa mundos e estrutura moralidades, com o campo bioético desde uma centralidade dos afetos e emoções na conformação de agências. Considerando a Bioética um campo interdisciplinar, a proposta foi refletir em que medida a produção de sentidos, sonhos e projetos de futuro em contexto moderno/ocidental têm moldado subjetividades, como também mantido a colonialidade do ser, poder e saber através de ideologias hegemônicas tidas como “positivas” e futuristas. Refletir sobre éticas da vida em uma sociedade que se regula pela *nomos* da violência racial, institucionalizada e espetacularizada (MBEMBE, 2017) é desafio subjacente no mundo das ciências normativas. Ainda que muitas vezes reduzida a disciplina curricular, encapsulada nas teias biomédicas ou nos respiradores artificiais do *principlialismo*, a Bioética se torna potente espaço de contribuição dialógica e não-fragmentária para se pensar- ser no mundo. Mais ainda, assumindo postura interdisciplinar, talvez seja por fios bioéticos que possam correr múltiplas maneiras de encarar o chamado adiamento do fim do mundo (KRENAK, 2019).

Apesar de ser um campo mais reconhecido somente nas últimas décadas, principalmente após a Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos de 2005, intuo coletivamente que é desde uma *cosmopercepção* das Bioéticas do chamado sul global, como as éticas , dos povos indígenas de *Abya Yala*, *pindorâmicos*,

quilombolas, ribeirinhos, entre tantos outros, seja possível co-criar futuros abundantes e coletivos. Compreender-se ontologicamente desde uma ética implicada com diferentes sentidos, afetações, com a natureza, com os cosmos, junto a seres viventes, (in)visíveis, encantados, uma ética contextualizada com o meio que se vive não é e nem será fruto de nenhum milagre grego. Este termo, milagre grego, é aqui utilizado para expressar o fenômeno ocidental que afirma ser todo cabedal filosófico e originário do pensamento e experiência ontológica de matriz exclusiva da Grécia (Nogueira, 2012), trazendo consigo uma noção de primazia da razão sobre a emoção e outros reflexos coloniais. São ficções que se perpetuam e legitimam -se pelo apagamento, falseamento e silenciamento de outras pluriexistências até os dias atuais.

Democratizar sonhos com propósito de garantir potenciais futuros plurais é agência que se soma substancialmente ao diálogo junto de uma ética da libertação, potente ingrediente num caldeirão bioético. Dos rituais invisíveis aos feitiços cotidianos produzidos nas bordas e nas beiras, que abrem fissuras na manta galvanizada que sufoca vozes sonhadoras, uma ética pluriversal também pode ser encantada. O encantamento *“é uma matriz de diversidade dos mundos. Ele não inventa uma ficção. Ele constrói mundos. (...) O encantamento é uma atitude diante do mundo e diante da vida”* (OLIVEIRA, 2003, p. 5), o encantamento co-cria tempos.

Uma bioética pluriversal, inquieta, encantada. Uma ética ancestral que realize travessias junto aos que nas margens seguram cuidadosamente as bordas do mundo para o céu não cair de vez. É na inspiração dos saberes ancestrais, saber valorizar o que veio antes, olhar para trás para se pensar o amanhã que me inspiro para enredar as trocas e cruzos que se tecem aqui. *“Trate bem o mundo. Isso não foi dado a você por seus pais. Foi desejado por seus filhos”* (provérbio queniano).

## REFERÊNCIAS

BELLAGUARDA, M. et al. **O corpo humano numa aproximação à antropologia da saúde**. In: Revista Mal- estar e subjetividade- Fortaleza – vol.Xi-Nº3 , 2011.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde na 2009. 96 p. : il. – (Série B. Textos Básicos de Saúde) (Cadernos de Atenção Básica ; n. 24);

CABANAS, E.; ILLOUZ, E. **Happycracia: fabricando cidadãos felizes**. Tradução Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 288p. (Coleção Exit)

DAS NEVES, C. S. (2019). **E a Jurema se Abriu Toda em Flor: práticas e discursos para a efetivação de direitos humanos na Jurema do Ilè Asé Orisalá Talabí**. Revista Calundu, 3(2), 22.

FAUSTINO, D. M. A emoção é negra, a razão é helênica? Considerações fanonianas sobre a (des)universalização do “Ser” negro. Revista Tecnologia e Sociedade. 9(18). 2013

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. Olojá: **Entre encontros - Exu, o senhor do mercado**. Das Questões, [S. l.], v. 4, n. 1, 2016.

HOLANDA, Marianna. **Dos gritos inaudíveis à (d)enunciação da norma: sobre pandemias continuadas, capturas do Bem Viver e a reimaginação do mundo**. In: “Reencontro com Rita Segato por sua linhagem: memórias e memorial” | (org.) Tânia Mara Campos de Almeida Ed. UnB, 2023. Pp. 36-52.

\_\_\_\_\_Saúde Coletiva e o planeta comum: o chamado das mulheres indígenas de cura pela terra. Interritórios - Revista de Educação Universidade Federal de Pernambuco/ Caruaru, V.7 N.13, 2021.

\_\_\_\_\_Dia Mundial da Saúde | Nota de Reflexão: **“Só há saúde se ela for coletiva”**. *Liga Acadêmica de Bioética e Direitos Humanos (LiABDH)* da Universidade de

Brasília (UnB). Disponível em <https://liabdh.wordpress.com/2020/05/02/dia-mundial-da-saude/>

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Eugênio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

IBERÊ, Daniel. **IIRSA: A Serpente do Capital: pilhagem, exploração e destruição cultural na América Latina (Santo Antônio e Jirau)**. Rio Branco: Edufac, 2015;

\_\_\_\_\_ Sobre Palavras e Parentes ou para além de humanos e não-humanos. Disciplina Tópicos Especiais em Teoria Antropológica (Encontro dos Saberes e Teorias da Decolonização) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Universidade de Brasília (UnB), 2019;

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1 ed. Companhia das letras. 2019.

LARSEN, N. **What Is 'Futures Literacy' and Why Is It Important?** On overcoming blind resistance to change and poverty of the imagination.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios do racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LE BRETON, David. **Antropologia das Emoções**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

LUTZ, Catherine. Entrevista: **Antropologia com emoção**. MANA 18(1): 213-224, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/fngwjYSYm6QrTzDNXCDKM7B/?lang=pt>

MACERATA, Iacã, Soares, José Guilherme Neves e Ramos, Julia Florêncio Carvalho. **Apoio como cuidado de territórios existenciais: Atenção Básica e a rua**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]. 2014, v. 18, suppl 1 [Acessado 23 Dezembro 2022], pp. 919-930.

MANOEL, Jones; Landi, Gabriel. 2019. **Revolução Africana: Uma Antologia do Pensamento Marxista**. São Paulo, SP: Autonomia Literária;

MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **"O negro do Pomba quando sai da Rua Nova, ele traz na cinta uma cobra coral": os desenhos dos corpos-territórios evidenciados pelo Afoxé Pomba de Malê**. 2014. 180 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Desenho Cultura e Interatividade) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. 2021. Disponível em: <https://trechos.org/wpcontent/uploads/2021/06/Livro-Nao-va-nos-matar-agora-por-Jota-Mombaca.pdf> , acesso 20 novembro, 2023.

NEITZEL, O.; SANTOS, C. . **A educabilidade das emoções: implicações éticas e políticas**. Controvérsia (UNISINOS), v. 11, p. 29-43, 2015.

NOGUERA, Renato. **O ensino de Filosofia e a Lei 10.639**. Rio de Janeiro: PALLAS: Biblioteca Nacional, 2014;

\_\_\_\_\_. **Denegrindo a educação: Um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 18: maioout/2012.

NOGUERA, Renato, Valter Duarte and Marcelo dos Santos Ribeiro. **"Afroperspectividade no ensino de filosofia: possibilidades da Lei 10.639/03 diante do desinteresse e do racismo epistêmico."** (2019).

NUSSBAUM, Martha. **"Introdução"** em: Paisajes del pensamiento: La inteligencia de las emociones. Barcelona: Paidós, 2008.

\_\_\_\_\_. **Sem fins lucrativos. Por que a democracia precisa das humanidades**, Martins Fontes, São Paulo, 2015, 153 p.

OLIVEIRA, Fátima. **FEMINISMO, LUTA ANTI-RACISTA E BIOÉTICA**. cadernos pagu (5) 1995: pp. 73-107;

\_\_\_\_\_. **"Para onde caminha a humanidade sob os signos das bios (tecnologia e ética)?"**, IN Saúde em debate, nº 45/dezembro 94, pp. 32 a 37.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects** in: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New

York:Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de wanderson flor do nascimento.

PESSINI, Leo. Humanização da dor e sofrimento humanos no contexto hospitalar. Rev Bioét, v.10, n.2, 2012.

RIBEIRO, S. **O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 459 p.

ROCHA, Mônica; SANTOS, Adriana; RESENDE, Catarina. **Polissemias do sensível: resistência e ethos na formação em saúde**. Interritórios - Revista de Educação Universidade Federal de Pernambuco/ Caruaru, V.5 N.9, 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília. INCTI, UnB, 2015.

SEGATO, Rita. **Raça é signo**. Serie Antropologia 372, Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_. Antropologia e Direitos Humanos: Alteridade e Ética no Movimento de Expansão dos Direitos Universais. In: Mana 12(1): 207-236, 2006.

SHIRATORI K, Gongora MF, Sztutman R, Ribeiro Júnior RR. Novas perspectivas sobre os sonhos ameríndios: uma apresentação. Rev Antropol [Internet]. 2022;65(Rev. Antropol., 2022 65(3)).

UNESCO (2005). **Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos**. Paris, 19 de outubro de 2005. Tradução brasileira sob responsabilidade da Cát-edra UNESCO de Bioética da Universidade de Brasília. Disponível em: <http://www.bioetica.catedraunesco.unb.br> Acesso em: 20 set. 2023

WORLD HEALTH ORGANIZATION, World mental health report: transforming mental health for all. Geneva: World Health Organization; 2022.



Artista: Isadora Vilela